

# A fábrica de vídeos-mosaico: Um olhar sobre uma prática paliativa de canto coral em período de pandemia

*GTE 04 – Canto Coral: ensino, pesquisas e práticas em diferentes concepções e contextos*

## Comunicação

Lincoln Thiego Espíndola  
Escola de Música de Biguaçu Reduzino Romão de Faria  
[lincolnthiego@gmail.com](mailto:lincolnthiego@gmail.com)

Cristina Moura Emboaba da Costa Julião de Camargo  
Universidade do Estado de Santa Catarina  
[criemboaba@gmail.com](mailto:criemboaba@gmail.com)

**Resumo:** Os vídeos corais no formato de mosaicos musicais, elaborados por meio da junção e sincronização de áudio e vídeo captados de maneira remota realizados por coros Brasil afora, tornaram-se populares e uma das poucas opções paliativas de práticas coletivas em meio ao isolamento social. Por conta disso, esse texto suscita uma discussão crítica sobre algumas dessas experiências adotadas em caráter emergencial. Tendo em mente a perspectiva pedagógica musical atrelada ao canto coral, algumas questões surgem ao se empregar essa atividade remota: quais os objetivos do regente ao realizar o vídeo mosaico? De que forma o regente, no papel de educador, consegue obter elementos para monitorar e desenvolver as práticas interpretativas dos cantores nesse contexto? Tendo em vista a exequibilidade da proposta performática, como que alguns regentes lidam com a demanda de vídeos considerando o tempo de produção? Por que os vídeos mosaicos tendem a supervalorizar o produto final em detrimento do processo de elaboração? Expostos esses questionamentos, lança-se mão das reflexões realizadas sobre práticas de regente, editor de áudio e coordenador geral de escola de música municipal do autor do presente texto, de março de 2020 até julho de 2021. Muito distante do intuito de apresentar respostas unívocas para as problematizações, o relato lança um olhar crítico sobre as intenções dos regentes na perspectiva de educadores, que, por pressão dos empregadores ou não, acabam supervalorizando o produto final, impregnando a atividade com as demandas mercadológicas de eficiência, rapidez e produtividade em detrimento do dever da educação musical.

**Palavras-chave:** vídeo mosaico; canto coral; isolamento social;

## Tudo é movimento

*Não há nada novo, mas tudo mudou.*  
(NÓVOA, 2021)

Desde março de 2020, na função de editor de áudio, professor, regente e coordenador geral do projeto municipal da escola de música do município de Biguaçu, no

estado de Santa Catarina, presenciou-se inúmeros processos de regentes de coros da região da grande Florianópolis, percorrendo caminhos seja na própria realização de vídeos mosaicos atuando como professor, ou na participação da edição de áudios sob encomenda de outros regentes. É sobre esse contexto, desde as adoções mais rígidas de isolamento social por parte dos governos até as atuais flexibilizações, que esse relato tece esta discussão crítica relacionada aos videoclipes desenvolvidos como forma paliativa de continuidade das práticas do canto coral.

Com a declaração março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) da pandemia global da Covid-19, causada pelo coronavírus Sars-Cov-2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), medidas de contenção do espalhamento do vírus foram adotadas mundialmente, dentre elas o isolamento e distanciamento social, uso de máscaras, higienização frequente das mãos com álcool gel e a vacinação, sendo que esta última se iniciou somente neste ano de 2021 no Brasil e ainda lentamente. A partir dos primeiros casos de infecção em coros, bandas e orquestras registrados na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, em situações de ensaio e apresentações, a performance musical coletiva que envolve manipulação de ar (Canto Coral e Sopros) foi considerada pela CDC (*Centers for Disease Control and Prevention* – órgão de controle dos USA) como **Eventos de Super transmissão** do coronavírus e suspensas por tempo indeterminado. As indicações sanitárias são que estas atividades musicais coletivas retornem ao modo presencial somente depois da vacinação da 2ª dose de seus e suas integrantes, e mantendo as medidas de contenção citadas por tempo indeterminado, pois a Covid-19 tende a tornar-se endêmica.

São diversos os diretores, presidentes de associações de coros e regentes que vêm adotando uma série de ideias emergenciais em favor da continuidade de seus projetos. Em 2021, por conta das primeiras flexibilizações, alguns ensaios de coros começaram a ocorrer presencialmente com número limitado de cantores, utilização de máscaras, ambiente ventilado e demais exigências sanitárias. Mesmo com todos os cuidados, não são poucos os casos dos cantores, justificadamente, que optam por manter suas participações de forma remota, em maior consonância com o CDC. Os ensaios e apresentações, então, permanecem comprometidos, sejam por falta de *quórum* ou por conta da ainda vigente e necessária obrigatoriedade do uso de máscara, um obstáculo para projeção, minimizando inteligibilidade do texto e suas articulações, suprimindo frequências da voz resultando

timbres mais “abafados” e sem brilho<sup>1</sup>. Percebe-se que, mesmo com algumas mitigações de restrições por parte do governo, continua ainda sendo viável a manutenção das atividades de forma remota, tal qual a opção pelo vídeo mosaico, o qual consiste em cada cantor gravar, por meio de *smartphone*, tanto áudio quanto vídeo, resultando nos arquivos que são submetidos à edição de estúdios, preservando o isolamento e a segurança dos cantores. Essa atividade se tornou popular e amplamente adotada por diversos regentes e coros mundo afora. Todavia, é necessária uma discussão acerca dos processos envolvidos, desde a sua concepção até o vídeo final resultante.

Em um primeiro momento, devemos questionar quais são os objetivos pelos quais levam um regente a realizar um vídeo mosaico. De certo modo, deve-se ser mencionado que muitos regentes, principalmente os envolvidos com projetos e associações, viram-se, e ainda se veem sob forte pressão para tomar medidas de manutenção das atividades, correndo o risco de comprometer suas fontes de renda. Contudo, mesmo em meio a uma catástrofe sanitária e o risco do colapso financeiro, deve-se ter em mente a essência e os princípios da função do regente, a perspectiva educacional. Figueiredo menciona que

Não importa se o coral quer ser profissional ou amador, se quer cantar na igreja ou indústria. O importante é tornar a atividade coral algo mais produtivo qualitativamente, que possa ser desenvolvida em vários níveis atendendo a diferentes objetivos, cumprindo uma função educacional (FIGUEIREDO, 1990, p.17).

A priori, a função educacional no canto coral é indissociável, constituindo-se como plano de fundo das práticas realizadas. Amato afirma que

Por apresentar-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social, o coro é um espaço constituído por diferentes relações interpessoais e de ensino e aprendizagem, exigindo do regente uma série de habilidades e competências referentes não somente ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de um conjunto de pessoas que buscam motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social (AMATO, 2007, p.75).

Essas correlações intrínsecas à função do regente devem ser contempladas em todas as suas atuações, inclusive, tanto quanto qualquer outra, na montagem e realização

---

<sup>1</sup> Há regentes que, ao realizar apresentações presenciais, optam comumente pelo uso de playback enquanto o coro dubla o canto.

do Vídeo Mosaico. Por conta disso, um dos questionamentos apresentados nesse texto é sobre o objetivo central do regente na realização do vídeo mosaico e o pressuposto educacional da atividade.

### **3, 2, 1, GRAVANDO!**

Após o acompanhamento da elaboração e produção de vídeos no período de pandemia, salta aos olhos, no que se refere a determinados projetos observados, a busca pela quantidade, eficácia e eficiência na montagem dos mosaicos, com pouca valorização do processo, em favor do produto final, o qual é momentâneo e superficialmente consumido pelo público, ao passo que, então, justifica-se aparentemente a manutenção da atuação do regente, o qual é, ou deveria ser, antes de tudo, um educador. Nóvoa (2021) menciona que “os problemas da educação que descobrimos durante a pandemia não são problemas novos, já cá estão há muitos anos. A pandemia obrigou a mudar nossa relação com esses problemas” (NÓVOA, 2021, sem paginação). Certas práticas de vídeo mosaico presenciadas no ano de 2020 podem ser associadas às fábricas e suas linhas de produção fragmentada, das quais não se interconectam e dialogam, priorizando a rapidez e qualidade comercial do produto. Otaviano menciona que

Aí passamos a endossar um processo didático pedagógico em que professores exercem a função de “camelôs do ensino” [...] Aí esses “bailarinos” de salas de aula pintam como os grandes renovadores à medida apenas que são bem sucedidos em seu “strip-tease” didático. [...] Por outro lado a clientela, isto é, os alunos, parecem cada vez mais dispostos ao circo, ao que agrada e não ao pensamento, à crítica (PEREIRA 1982, p. 10).

Já o educador Gentili se apropria da metáfora da “mcdonaldização da escola” no questionamento dos modelos educacionais vigentes, o qual, segundo o autor, poderíamos chamar de uma *pedagogia fast food*, simbolizando “uma profunda crise de eficiência, eficácia e produtividade. (GENTILI, 1996, p.17) É evidente que, ampliadas pela pandemia, as práticas de vídeos mosaicos possuem grande tendência ao “valetudismo” desenfreado em prol de um resultado que independa do processo de ensino, a não ser que esse seja especificamente e tecnicamente necessário.

É notória a preocupação em demasia por parte de alguns regentes pela qualidade da afinação, sincronização, articulação e timbre, sem que haja, efetivamente, uma interferência

pedagógica do regente para esse fim nos vídeos mosaicos. Esse objetivo, voltado à qualidade do produto final, recai nos editores de áudio nos estúdios e *homestudios*, eximindo das mãos do regente a atuação pedagógica com o cantor, substituída pelo uso de *softwares* que manuseiam e alteram arquivos digitais. Mas, tratando-se da elaboração dos mosaicos, seria possível, então, uma intervenção remota do regente para monitorar e desenvolver as práticas do coro? Para compreender uma possível possibilidade, é necessário entender as formas mais comuns de construção do vídeo mosaico. Espíndola (2020), ao abordar uma estratégia de montagem da atividade, comenta que é necessário que o cantor possua ao menos um celular *smartphone*. Dentre todas as abordagens e orientações<sup>2</sup>, expõe que

Essa atividade possui duas etapas, a gravação de áudio e, posteriormente, vídeo. Os alunos são orientados a seguirem passos importantes para gravação, instruções essas que foram se desenvolvendo conforme cada publicação dos vídeos [...] Para a logística do recebimento de dezenas de arquivos que incluem áudio e vídeo, a personagem *Sr. Colcheia* foi criada. Essa personagem conta com um aparelho celular e número de contato próprios manuseados por professores da escola. Todos os participantes do mosaico enviam seus vídeos e áudios para esse contato [...] (ESPÍNDOLA, 2020, p. 26).

Outra questão mencionada por Espíndola (2020), é a necessidade do professor/regente ser capaz de manusear programas de áudio e vídeo. Mais especificadamente, é justamente no manuseio do áudio<sup>3</sup> que o regente pode colher valiosas informações sobre seus cantores, tal como uma espécie de autópsia detalhada do coro. O regente, então, tem em suas mãos áudios dos cantores de maneira individualizada, possibilitando até mesmo um ajuste filigrano interpretativo conforme desenvolve suas atividades. Entretanto, isso demanda uma intensa atuação do regente em ouvir o áudio de cada cantor de maneira individualizada. Não haveria, então, momento mais oportuno do que participar da edição de áudio, seja acompanhando o profissional do estúdio ou seja manuseando diretamente os áudios por meio de softwares de edição. Vale lembrar que esta condição especial de se cantar em coro - sozinho(a) mas juntos(as) – não corresponde à estesia musical experimentada pelo(a) coralista no ato de cantar coletiva e presencialmente,

---

<sup>2</sup> Para melhor compreensão das etapas de elaboração e planejamento do vídeo proposto, cf. ESPÍNDOLA (2020, p. 26-28).

<sup>3</sup> Como os vídeos nem sempre são gravados com o objetivo de colher o áudio, menos informações estão disponíveis nessa mídia. O regente pode recorrer aos ensaios por videoconferências para observar visualmente os cantores.

quando estão todos(as) no mesmo ambiente e sob a mesma condução musical. A escuta coletiva é umas das importantes balizas para o ajuste fino e busca da homogeneidade das vozes quanto à afinação, timbre e expressão musical. Portanto, estes vídeos mosaicos já são em si um simulacro da performance coral, não devendo ser tomados como espelho fidedigno da possibilidade musical de um determinado grupo.

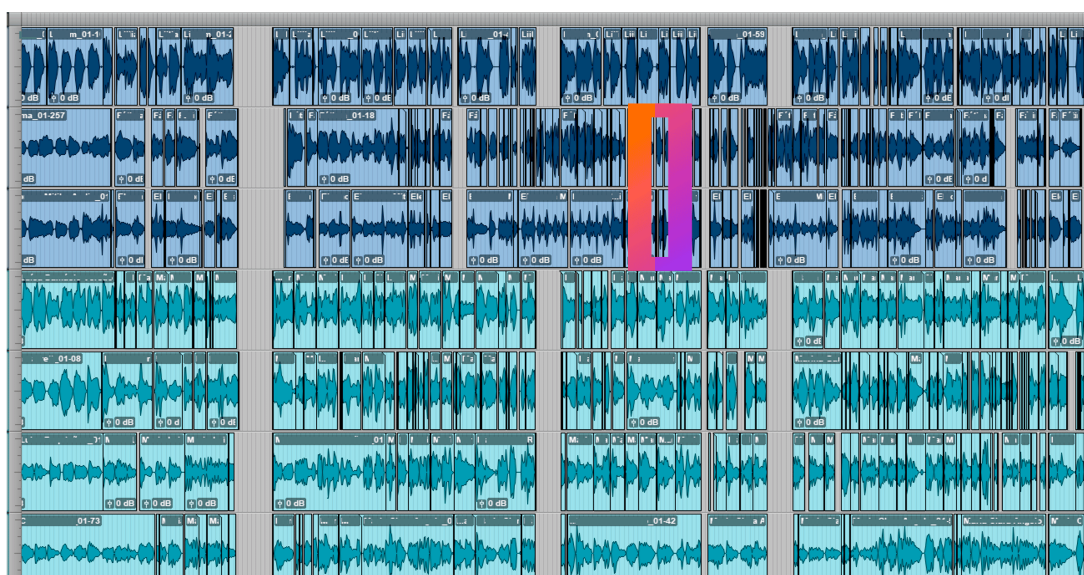
Tendo em mente o estágio técnico vocal do coro, o regente pode verificar quais os maiores desafios e potencialidades que seu grupo possui, contribuindo na escolha do repertório, tonalidades e demais níveis de complexidades, adequando-os para o coro considerando, principalmente, as limitações e obstáculos para implementação da atividade proposta. Rodrigues (2019), ao abordar parâmetros para elaboração de obras para grupos de sopro iniciantes, cita que ainda hoje é comum o “uso de obras inadequadas nas bandas de escolas de ensino regular e nas sociedades musicais, no sentido de exigir demasiado nível técnico e interpretativo dos alunos ainda iniciantes” (RODRIGUES, 2019, p. 12). As observações no ambiente de grupos musicais de sopros são, além de pertinentes, intimamente conectadas ao contexto do canto coral. Deve-se levar em conta que, na região da grande Florianópolis, é maioria o número de coros amadores em comparação com os profissionais, elevando a responsabilidade do regente tanto na escolha de repertório quanto na criação e elaboração de material empregado no dia a dia do coro. Os apontamentos apresentados por Rodrigues (2019) sobre parâmetros técnico-musicais na construção de arranjos ou invenção de obras, baseado nas colocações de Dario Sotelo, cita uma diversidade de elementos que, de fato, precisam ser considerados pelo regente, tais como: limitação da escrita musical; limitações técnico-instrumentais; duração das obras; linguagens musicais e o processo de aprendizado; instrumentação (RODRIGUES, 2019, p. 34). Portanto, seja para compor ou escolher o arranjo, quanto mais o regente conhece o coro, melhor poderá desenvolver as práticas de maneira adequada, efetiva e prazerosa, além de desenvolver atividades, aquecimentos e outras estratégias para aprimorar as demandas técnicas do grupo.

Deve-se mencionar que existe uma tendência de esgotamento ainda maior do cantor ao lidar com obras inadequadas para gravações no contexto dos vídeos mosaicos. Diferente de um estúdio de gravação, o cantor, solitariamente, acaba sendo constrito a gravar a sua voz em *take one*, ou seja, gravar do começo ao fim sem parar. Em um estúdio seria possível suprimir qualquer equívoco e retomar exatamente de onde o cantor parou, o

que não ocorre na gravação pelo *smartphone*. O anseio de realizar uma gravação satisfatória para o mosaico pode levar muitos cantores a exaustivas repetições antes de concluir o registro de áudio. Em alguns casos, mais especificadamente, verificou-se que o regente pode perder a aderência do grupo por ignorar questões tais como a extensão da canção, o excesso de ostinatos, onomatopeias, complexidades contrapontísticas e rítmicas.

Na falta de assertividade do regente, usualmente se recorre ao ajuste de praticamente todos os áudios dos cantores na edição, valendo-se de afinadores e cortes para sincronização. Vale mencionar que é comum na edição dos áudios o tratamento contra ruídos, equalização e eventuais correções de sincronização. Entretanto, a abordagem e problematização apresentada nesse texto se volta às edições excessivas na interpretação de cada cantor presenciadas no processo de montagem de alguns vídeos mosaicos. Quanto maior o trabalho do editor, mais distante a atividade se situa em relação à realidade do coro. Como forma de ilustrar, apresenta-se fatos observados entre 2020 e 2021, sendo exibidos sem que haja exposição de nenhum cantor ou regente. Na figura 1<sup>4</sup>, percebemos um processo de edição que alterou a articulação e sincronização de todos os cantores. Passa-se a chamar de “coro A” não apenas o grupo da figura 1, mas sim um conjunto de práticas que mantêm entre si conexões e abordagens em comum.

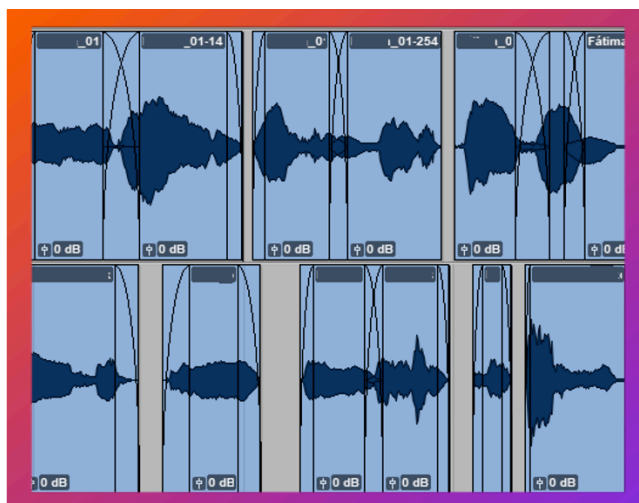
**Figura 1:** Amostragem de 7 cantores na edição de áudio do “coro A” para vídeo mosaico.



Fonte: Arquivo pessoal

<sup>4</sup> O pequeno quadrado colorido situado na figura 1 retrata a área ampliada na figura 2.

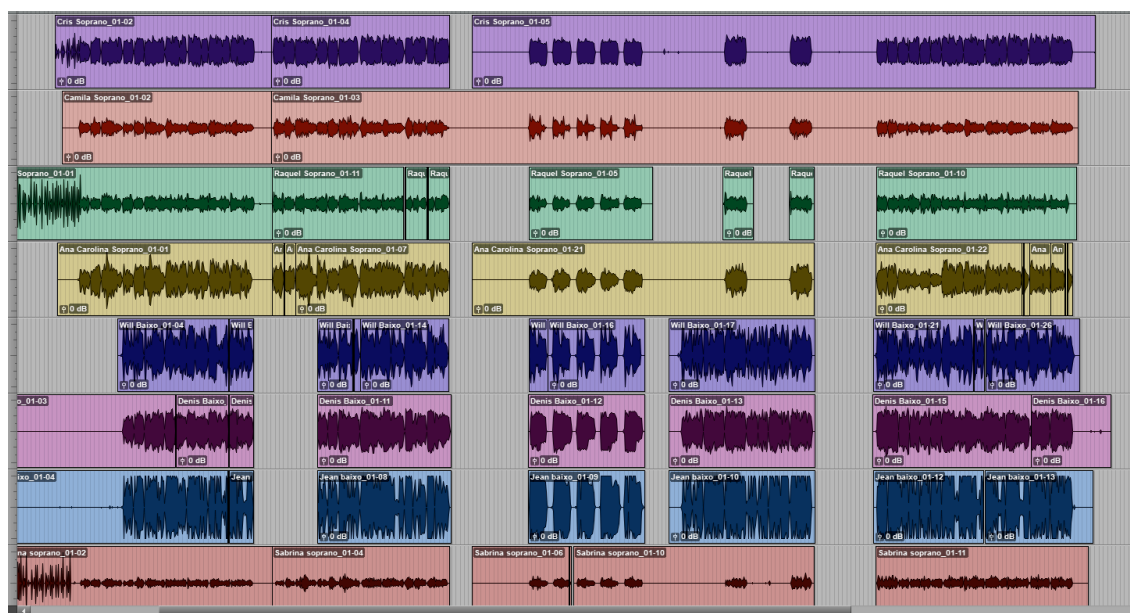
Figura 2: ampliação de parte da figura 1.



Fonte: Arquivo pessoal

É evidente as alterações de frases, palavras ou sílabas nos áudios apresentados no ampliamento disposto na Figura 2, cada intervenção do editor resulta em um corte no *take*. Um cenário absolutamente oposto do apresentado na Figura 3, onde o “coro B” sofreu poucas intervenções do editor, evidentemente um repertório mais adequado, não havendo registros de insatisfações ou grandes resistências por parte do coro.

Figura 3: Amostragem de cantores na edição de áudio do “coro B” para vídeo mosaico.



Fonte: Arquivo pessoal



Outro questionamento acerca da edição do “coro A”, recai sobre a escolha de plugins de afinação. Por conta do elevado nível técnico não compatível com o coro, o regente do grupo “A” decidiu afinar cada nota cantada por todos os cantores. Na figura 4, a janela de mixagem apresenta todos os cantores “A” com afinador *Melodyne*, sendo que o único que não recebe afinador tem seu áudio *mutado*, pois não há condições de edição conforme diretrizes do regente, sendo essa uma solução encontrada por alguns, o descarte. E, para não prejudicar a busca por uma sonoridade de um coro numeroso, há os que lançam mão da duplicação dos áudios dos cantores mais experientes, obtendo o resultado de forma rápida e eficiente<sup>5</sup>.

**Figura 4:** Plugins adicionados no “coro A”: compressor, equalizador e Melodyne.



Fonte: Arquivo pessoal

Em situação de prática coral presencial estas dificuldades quanto ao ritmo, afinação, durações e cortes, expressão musical, homogeneidade e timbre, evidenciam-se na própria performance musical, permitindo ao regente corrigir e interferir no som, e até mesmo modificar o repertório. Se no processo de escolha de repertório o regente se equivocou ao super estimar as condições técnico-musicais do grupo, o resultado sonoro irremediavelmente lhe mostrará os desacertos; a insistência com as escolhas inadequadas para o repertório levará à equívocos e dificuldades enfrentadas pelo regente e coralistas e que poderiam ser evitadas, com consequências como desarticulação do grupo, estresse desnecessário para todos(as), falta de vontade e prazer de cantar em coral, dores na região da garganta, rouquidão, entre outras.

<sup>5</sup> Ao mencionar a busca pela agilidade no processo de montagem do vídeo mosaico, nota-se que essa busca chegou na edição de vídeo, que, além da gravação de cada cantor de maneira individualizada, existe também uma opção que se tornou comum nos últimos meses, de capturar a imagem da tela em uma videoconferência, onde todos os cantores já ficam dispostos em mosaico. Com essa possibilidade, o processo de edição de vídeo se torna incomparavelmente mais simples e rápido, sendo adotada mesmo ocorrendo problemas de conexão com alguns cantores e limitando as possibilidades de edições, tal como efeitos e closes.

A produção em série destes vídeo mosaicos nos corais e a excessiva interferência na edição de som e imagem transferem esta prática musical e educacional para o patamar da música de consumo comercial e industrializado, passando então a obedecer os parâmetros sonoros de equalização e mixagem já consolidados pelo mercado musical, tais como afinação digitalizada, sincronia precisa das vozes, efeitos de periféricos que interferem na escuta (*gate*, *compressor*, *reverb*, *delay*, etc), maquiando o resultado sonoro final.

Esta situação descrita sugere que, com a excessiva produção dos vídeos mosaicos ocorreu uma inversão dos objetivos de um trabalho coral: a mostra final de um processo – apresentação/concerto ou gravação – passa a ser o meio e o fim, ou seja, ensina-se um repertório para gravá-lo e divulga-lo nas redes sociais e mídias em geral. Em situação normal, a apresentação ou a gravação de um coro são a mostra ou o registro final de um processo, que geralmente coroa o esforço de meses de aprendizagem e trabalho musical, onde é no próprio processo de montagem que se concentra o ensino, a aprendizagem e a sensibilização musical. A inversão desta ordem pode desumanizar e descaracterizar a atividade artística, musical e educacional do canto coral.

Neste momento de pandemia ainda sem o devido controle e a necessidade de manutenção das medidas de contenção, o regente pode lançar mão de atividades diferentes dentro do trabalho coral, que talvez em situação normal não faria: apreciação musical de obras, compositores e coros de referência, discussão de repertório com os(as) coralistas, intensificação de técnica musical e notação musical, palestras com professores e artistas convidados, utilização de programas como *Jamulus*, *Sonobus*, *Jack Trip*, caso o grupo tenha acesso à internet adequada, que permitem o canto coletivo sincrônico e com baixa latência simulando a performance presencial, entre outras possibilidades. O vídeo mosaico seria uma das alternativas de atividade, com suas potencialidades, flexibilidades (por não exigir conexão de internet de qualidade, o que é uma realidade no Brasil) e carências. Mas, indubitavelmente, não a única possibilidade de permanência do coro durante este período de exceção.

### **O fim da linha de produção?**

*Esta é a denúncia que faço contra a forma pela qual a educação musical é atualmente ensinada: [...] que os professores falham no entendimento de que o valor da música vai além do concerto de final de ano, ou das turnês.*

*(SCHAFER, 2003, p.11)*

Portanto, percebemos que a função do regente, mesmo na adoção de vídeos mosaicos como medidas paliativas, não pode perder de vista seus pressupostos educativos ao passo que tome consciência das incessantes, multifacetadas e sedutoras forças mercadológicas. Para isso, precisa estar constantemente em um processo crítico de autoanálise. Penna menciona que

Os professores, como profissionais reflexivos, precisam, constantemente, portanto, avaliar o próprio processo de ensino e aprendizagem em curso, tomando decisões que permitam realizar os objetivos propostos, dentro dos limites e possibilidades da situação educativa concreta (PENNA, 2012, p. 16).

Esses dois universos distintos apresentados nesse texto, presenciados e proximamente acompanhados, refletem objetivos e preocupações diversas. O “coro B” apresentou um desenvolvimento vertiginoso dos primeiros vídeos até finalmente o compartilhado na figura 3. Todavia, partiu do regente a iniciativa de ouvir todos os áudios, acompanhar as edições e, por fim, escrever arranjos específicos para o coro, respeitando parâmetros de complexidade e adequando tudo ao nível técnico do grupo no contexto do vídeo mosaico. Não mais do que quatro vídeos mosaicos foram publicados em um período de 1 (um) ano pelo “Coro B”, contrapondo com os mais de dez do “coro A”. Provavelmente, se ambos forem questionados sobre seus objetivos, teremos respostas completamente diferentes.

Alterando parte do que Espíndola (2020) propõe, de que “a capacidade de manusear programas de edição de áudio e vídeo é condição indispensável para a realização da atividade” (ESPÍNDOLA, 2020, p. 27), entende-se que o regente pode até não manusear programas de edição, entretanto, deve participar ativamente do processo, tomando de volta para si a responsabilidade, e não a terceirizando. No processo de realização do vídeo mosaico, a forte tendência da perseguição pelo eficaz e produtivo no lugar da degustação da atividade, transformação e desenvolvimento do cantor, além de estar levando à banalização da prática, distancia o papel dessa atividade remota do âmbito educacional e aproxima às demandas e regulações mercadológicas, as quais se consome e descarta rápido.

A expectativa é que essa atividade perca a popularidade com o retorno livre das atividades presenciais, porém, o que não pode ser esquecido, mesmo em tempos de crise, são os princípios e plano de fundo da função do regente: educador.

## Referências

AMATO, Rita F. *O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-música*. Opus, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

ESPÍNDOLA, Lincoln Thiego. *Educação musical em período de isolamento social: um panorama do ensino remoto na Escola de Música de Biguaçu, Reduzino Romão de Faria*. In: X ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DO GRUPO MÚSICA E EDUCAÇÃO - MusE 2020, Florianópolis: MusE, 2020. P. 20 – 29

FIGUEIREDO, S. L. F. *O ensaio coral como momento de aprendizagem: a prática coral numa perspectiva de educação musical*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de mestrado. 1990.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVA, T. T. da Gentili P. (org). Escola S.A. : quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo. Brasília DF: CNTE, 1996. p. 9-49

NÓVOA, Antônio. *Aprendizagem precisa considerar o sentir*. Revista Educação, 2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/06/25/antonio-novoa-aprendizagem-senti/> Acesso em: 16 jul. 2021.

PENNA, Maura. A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música. In: MATEIRO, Teresa. ILARI, Beatriz. (Org) *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012. p. 13-24.

PEREIRA, Otaviano J. *O que é teoria*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

RODRIGUES, Jean Carlos. *Parâmetros musicais para elaboração de obras para bandas de sopros iniciante*. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Música - Universidade do Estado de Santa Catarina, 2019, 132f.

SCHAFER, Murray. *Ouvir Cantar: 75 exercícios para ouvir e criar música*. Traduzido por Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora Unesp, 2018.